



# portfólio patrícia kalil escritora

2014-2024 ————— **“** redatoria  
projeto **arvoreagua**

 **instagram**  
**@arvoreagua**  
163.000 seguidores

 **facebook**  
**árvore, ser tecnológico**  
284.000 seguidores

 **facebook**  
**água, sua linda**  
205.000 seguidores

**total**  
652.000 seguidores

## **“** Monocultura não é floresta

As florestas são feitas de um mosaico de habitats e nichos ecológicos para abrigar milhares de espécies de micro-organismos, fungos, plantas, insetos, anfíbios, aves, mamíferos, répteis e outros organismos vivos. Floresta é diversidade de espécies, é equilíbrio de contrastes, é interdependência biológica, é constante interação com o mistério do planeta. Floresta é solo, é água, é ar, é ciclo de elementos, é circularidade. A floresta guarda o clima, a água, a vida e segredos que nossos olhos ainda não sabem ver no mais extraordinário livro de receitas, museu de tantas partituras. Floresta é música e mágica.

Uma monocultura de árvores acaba com tudo isso e também destrói as comunidades que estavam no território. Uma monocultura de árvores não pode ser chamada de floresta simplesmente porque não é floresta, nem uma, nem meia, nem perto.

Toda humanidade perde, até os perturbados que acham que ganham. Perdemos a estrutura ecológica, os serviços ecossistêmicos, perdemos água, perdemos alimento, perdemos saúde, perdemos vida. Se alguma coisa aumenta de verdade é o risco de doenças, de pragas e de novos vírus.

Toda monocultura impacta negativamente comunidades vizinhas que estavam lá, pisando suavemente na Terra, sem engolir veneno. Uma monocultura de árvores é um abatedouro, num esquema perverso pensado por mentes empobrecidas pelo dinheiro e cegas pelo próprio umbigo. **”**

## **“** A Terra é um ser vivo

Desde Lineu, a espécie humana acredita que é superior aos outros seres vivos por uma falta de compreensão de Gaia. Essa suposta superioridade foi imposta intelectualmente durante três séculos de equivocada interpretação da hierarquização evolutiva fisiológica e morfológica das diversas espécies de vida. Extrapolando essa falha de interpretação do sistema terrestre, há alguns *Homo sapiens sapiens* que acreditam ser superiores à própria coletividade de *Homo sapiens sapiens*. Os super sapiens. Essa certeza de distinção, assim como qualquer outra certeza, é o que alimenta a crise planetária.

Nos últimos 500 anos, vimos estes tais super-humanos que se julgam por cima da carne-seca perpetrarem o colonialismo, a matança de indígenas, a escravidão, o apartheid e por aí vai. Tudo isso continua até hoje. Obcecados que são, os que se creem escolhidos já não podem (ou podem) se dar conta da violência de suas práticas, das desigualdades e da própria efemeridade.

São frágeis como todos, mas desfilam e arrotam super-poderes, navios de guerra e bomba atômica. Ameaçam e humilham, lançam chuvas de mísseis e depois com generosidade seletiva enviam quaisquer caminhões com ajuda humanitária. Quando se deparam com o abismo da falsa seleção, os mais perturbados sentem ódio. Até a respiração dos não-eleitos incomoda, impedindo-os de amar e acolher toda forma de vida com o mesmo respeito e gentileza. Outros despertam. A solidariedade, o amor e a coragem são genuínos entre os humanos que se percebem como passageiros iguais na Terra. Esta força pode ser fonte de inspiração e mudança. É preciso resgatar nossa irmandade e ampliar nossa consciência. É preciso ecoar. Pela primavera dos povos. Pelo planeta. Somos todos parentes. **”**

**2023**  
organizadora e tradutora  
**glossário ilustrado**  
**da justiça climática**



Sabia a petricor. O tempo todo as raízes deste pé de piano estavam conectadas com outras raízes, formando uma imensa rede de colaboração em vários locais do planeta, em um processo contínuo de retroalimentação e transmissão de conhecimentos. Uma teia global de raízes, micorrizas e rizomas.

A pianista gaúcha Carla Ruaro foi para a Europa em 2004 e, de lá, a um oceano de distância, teve seu primeiro contato com a música feita para piano por compositores contemporâneos da Amazônia.

Na época, Ruaro fazia mestrado em performance musical na Goldsmith University, em Londres. Ao lado do violinista gaúcho Felipe Karam e do violoncelista paraense Diego Carneiro, integrou o único trio brasileiro do programa Live Music Now, um projeto que desde 1977 leva concertos a pessoas com acesso reduzido à música.

Na pauta, organizações de sons da Amazônia. Composições musicais dos paraenses Luiz Pardal, Lucia Uchôa (macapaense que reside no Pará), Albery e Thiago Albuquerque, Vicente Malheiros da Fonseca, Altino Pimenta e Wilson Fonseca foram apresentadas em hospitais, asilos, presídios, centros de recuperação e fundações de diversas cidades europeias e do Oriente Médio.

Ruaro dedilhava a vida da floresta e a música aproximava essas pessoas em situação de exclusão da natureza. Nota a nota, pintava uma paisagem sonora: a primeira arte criada no ambiente da mais rica biodiversidade da Terra. Os tímpanos vibravam. O martelo do piano ecoava no martelo do ouvido. Bigornas e estribos ampliavam o som para cada caracol, emitindo sinais para as redes neurais do cérebro. Células arranjadas numa extensa retícula se conectavam a múltiplas outras, nossas redes radiculares internas, enviando sinais com informações sonoras.

Ailton Krenak diz que é preciso provocar o surgimento de uma experiência de florestania. “Temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética que devolva a potência da vida.” E tanto se ouve sobre a importância de preservar a floresta em pé, mas tão pouco se escuta de sua cultura viva. O trio foi reconhecido e premiado pelo trabalho de divulgação da música amazônica contemporânea. Contemplado pela Funarte, veio em 2014 para uma turnê em 14 municípios paraenses no entorno de Belém. “Os compositores moram na nossa imaginação. Imaginamos o que Beethoven, Bach pensavam quando estavam compondo suas peças. Nessa viagem ao Pará, eu tive pela primeira vez a oportunidade de conhecer os compositores que faziam a música que eu tocava, no ambiente deles, na floresta”, relata Carla.

Tempo de revolver a terra e descobrir redes radiculares e rizomáticas ancestrais do matriarcado Pindorama, do nosso DNA mitocondrial. Ainda em terras portuguesas, começou a pesquisar a história do Brasil e de Portugal, a partir da independência.

Do auriverde pendão, de onde fora apagado o amor por princípio e sobre a qual o poeta romântico baiano Castro Alves versou narrando a covardia que foi a escravidão, Carla prendeu-se à estrela solitária na parte superior do céu azul. Pois no círculo da bandeira brasileira, a estrela no alto do incompleto lema positivista corresponde ao estado acima do paralelo do Equador, o Grão Pará. Essa antiga capitania representava todo território do Império das Amazonas. ”

# currículo



Desde 2022, cursa Engenharia Florestal na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), com previsão de término em 2027.



Em 2023, com o projeto ArvoreAgua que faz com o artista Tom B, lançou o Glossário Ilustrado pela Justiça Climática, em parceria com a Plataforma Latinoamericana por Justiça Climática e apoio da organização sem fins lucrativos Corporate Accountability.



Desde 2014, idealizou e lançou com seu amigo Tom B o projeto de educação ambiental ÁrvoreÁgua. O site [www.arvoreagua.org](http://www.arvoreagua.org) reúne as publicações e redes de atuação do projeto para ampliar o conhecimento ambiental e despertar a consciência cidadã.



Entre 2014 e 2015, foi contratada pela OIT-ONU para administrar e fazer a arquitetura do site da OIT Brasil e do conteúdo contra trabalho escravo e infantil.

Em 2013, foi contratada para a equipe de comunicação do evento internacional III Conferência Global sobre Trabalho Infantil (OIT-ONU e governo brasileiro).



Em 2012, foi convidada pelo Instituto Paulo Montenegro para escrever o livro "Nossa Gente - 10 Anos de NEPSO, IBOPE / UNESCO", contando a experiência do uso de pesquisa de opinião como ferramenta pedagógica na América do Sul.

Entre 2012 e 2014, foi repórter do Globo Cidadania, Globo Ecologia, Globo Ciência, Globo Educação, em portal online para aprofundar reportagens que iam ao ar na TV aos sábados no programa O Que Será?

No segundo semestre de 2011, foi convidada para atuar como gerente de produto da Rede Globo, período em que organizou a plataforma cruzada de cobertura em tempo-real usada por todos os canais do grupo Globo.



Entre 2010 e 2011, de volta ao Brasil, foi contratada pelo UOL - Universo Online como gerente de produto para cuidar da Rádio UOL ao lado de Jan Fjeld e Babu Baía.



Residindo em Moçambique, em 2009, foi contratada pela Universidade de Washington (I-TECH) para fazer pesquisa de campo e escrever relatório sistematizado sobre Ensino à Distância no país de língua portuguesa.

Entre 2006-2007, cursou na Universidade de Washington três cursos de extensão, o primeiro focado em Educação à Distância, outro focado em recursos digitais e o primeiro focado na produção de documentários.

Em 2006, residente de Seattle, foi contratada pela Universidade de Washington como Curriculum Developer, onde ajudou a planejar e desenvolver mais de 60 módulos de cursos sobre tratamento anti-retroviral em pacientes com HIV na África. Os cursos eram ministrados em Moçambique para técnicos de medicina, que precisavam medicar seus pacientes, mas não tinham formação específica para o uso de TARV.

Como tradutora, atende projetos ligados ao meio-ambiente, mudanças climáticas, saúde, e projetos sociais, tendo realizado projetos para a Health[e]education, VSO London, Channel Foundation, Native Leaders, Free Clear, Rainforest Alliance, entre outros.



Jornalista há 20 anos, com graduação concluída em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2004).

Com atuação nos Estados Unidos, Europa e África, atuou em projetos internacionais sociais ligados ao governo americano (CDC, PEPFAR, Washington University). No Brasil, trabalhou para grupos de mídia (TV Globo, Globo.com, UOL, IBOPE, Submarino)